Entre a verdade e a fantasia: uma visão holandesa do Brasil do século XVII

O presente artigo é baseado no trabalho de Laet, trazendo informações preciosas sobre o Brasil da primeira metade do Século XVII e seus habitantes. Apresentam-se, por um lado, os mistérios, as magias e os mitos, revelando os costumes e as crenças dos verdadeiros brasileiros; por outro, a sabedoria, a ciência natural desses habitantes.

The present article is based on the work of Laet, bringing precious information on Brazil of the first half of seventeenth century and its inhabitants. On one hand, it presents the mysteries, the rituals and the myths, disclosing the customs and the beliefs of the true Brazilians; on the other hand it shows the wisdom, the natural science of these inhabitants.

Este artículo es baseado en el trabajo de Laet, trayendo informaciones importantes sobre Brasil de la primera mitad del Siglo XVII y sus habitantes. Presentase, de una parte, los misterios, las magias y los mitos, revelando los costumbres y las creencias de los verdaderos brasileños; de otra, la sabedoria, la ciência natural de esos habitantes.

Palavras-chave: Século XVII, Laet, índio brasileiro, mitologia e misticismo.

Autor:

Prof. Abner Chiquieri

Professor da Universidade Rural do Rio de Janeiro de Língua Portuguesa, Pós-Graduado na França, Licenciado e Bacharel em Letras com Francês. Autor de vários artigos e traduções.

Introdução

O inglês A. Knivet, os franceses Jean de Léry e André Thevet e um português "anônimo" ajudaram o holandês Ioannes de Laet, presidente da Companhia das Índias Ocidentais, a escrever a História do Novo Mundo, no que diz respeito à terra do Brasil, os livros XV e XVI do *Novus Orbis seu Descriptionis Indiae Occidentalis libri xviii* (1633). Thevet veio com Villegaignon em sua primeira expedição ao Brasil (1555) e de Léry, na segunda expedição francesa. O autor português anônimo é, provavelmente, Fernão Cardim, autor de *Tratados da terra e gente do Brasil*. Por causa de autores anônimos, Laet já havia angariado, em outras ocasiões, a antipatia de Grotius, conforme se pôde verificar na *Responsio ad Dissertationem secundam Hugonis Grotii, de Origine Gentium Americanarum. Cum Indice ad utrumque libellum*. (Laet, 1644).

A obra de Laet é, pois, mais uma transcrição das informações que o autor obteve de várias fontes do que o resultado de uma pesquisa individual; nem por isso, deixa de assumir extrema importância pela riqueza do que registrou e que é, certamente, referência até hoje para muitos historiadores e naturalistas. O estilo rude, tosco mesmo, se deve provavelmente aos objetivos do texto que redigiu na época. Não se trata de um literato ou erudito, filósofo ou cientista, mas sobretudo de alguém disposto a prestar informações ao seu povo e aos seus superiores sobre uma terra desconhecida e sua gente. Isso fica mais evidente nos capítulos em que descreve as regiões, de forma tão minuciosa, indicando com precisão todos os contornos de uma baía, por

exemplo, ou enumerando todos os moinhos de açúcar de cada vilarejo, os acessos a cada cidade e suas fortalezas, o que faz, mais do que nada, lembrar as indicações de um estrategista no desenho de um mapa para a invasão de um território ou de uma possibilidade de comércio.

A história do novo mundo

No capítulo I do livro XV, Laet trata sumariamente de alguns pontos da história do Brasil, seus limites, seu primeiro descobrimento, e descreve as qualidades do clima e do solo. As capitanias e suas particularidades são descritas nos capítulos XVI a XXVII e no livro XVI.

No capítulo II do livro XV, Laet descreve a religião, as características e os costumes dos brasileiros em geral e, curiosamente, levamos algum tempo para compreender que os únicos brasileiros a que ele se refere, mesmo 140 anos após o descobrimento do Brasil, eram os índios, aliás, selvagens, em seu dizer. Daí, religião, características e costumes tão surpreendentes, na maior parte dos casos.

Assim começa ele seu capítulo: "Os selvagens brasileiros não têm quase nenhum sentimento de religião, nem têm conhecimento da origem ou criação do mundo; contam não sei o quê de obscuro e fabuloso do dilúvio, a saber que todos os homens tendo sido consumidos pelas águas, só restaram um e sua irmã, em idade de ter filhos, e desses dois sua raça teria tido sua origem e desenvolvimento."

É muito sintomática essa informação do conhecimento deles sobre o dilúvio e é possível que essa história lhes tenha sido passada pelos europeus. De qualquer forma, vem integrar mais uma das interpretações da grande catástrofe universal, narrada em textos sagrados e no acervo literário da mitologia. Sua história é mais parecida com a do dilúvio do filho de Prometeu, Deucalião, o Noé da mitologia grega. O dilúvio inundara a Tessália: Deucalião e sua mulher, Pirra, refugiaram-se numa barca, que os levou não até o monte Ararat, mas ao Parnaso. Foram os únicos que escaparam (no de Noé, havia 8 pessoas), e de novo povoaram o mundo, lançando pedras para trás deles.

Cada pedra que Deucalião atirava transformou-se num homem, e de cada uma que Pirra lançava, nasceu uma mulher. Como se nota, uma interpretação não menos "selvagem" que a história dos selvagens brasileiros, apesar de ser esta moralmente mais comprometedora, pois incestuosa.

Continua Laet: "E não têm conhecimento de nenhum Deus, nem adoram nenhum, donde acontece que não há nenhum nome para exprimi-lo, em seu idioma, a não ser Tupã, por cujo nome eles denotam alguma soberana excelência, e daí chamarem o trovão Tupã Canunga, isto é, um som produzido pela suprema excelência, e o relâmpago, Tupã Beraba, da palavra *Aberab*, que significa resplandecer, a quem eles dizem dever os instrumentos e a ciência da agricultura, e por isso o reconhecem como algum Deus." É cheia de preconceito a informação do europeu sobre não conhecerem os brasileiros nenhum Deus, tanto que logo a refaz, quando diz "a não ser Tupã"; portanto, há um Deus. É sabido por todos que na história da humanidade, além dos ateus, a idéia de um único Deus nunca fez unanimidade; nem por isso, as pessoas foram tachadas de selvagens.

Diz ainda o autor que os brasileiros ignoram também o paraíso e o inferno depois desta vida, embora creiam que as almas continuem depois de sua separação do corpo, e que elas são às vezes convertidas em demônios, e que são transportadas para os campos irrigados e agradavelmente vestidos de várias árvores, onde elas dançam continuamente. Têm tanto os espíritos malignos, que chamam de Curupira, Taguai, Pigtangua, Machera, Anhangá, Inrupari, Marangioana, que, às vezes, eles morrem subitamente por um terror imaginário e vão. Esses nomes têm diversos significados: assim, Curupira significa o demônio das montanhas; Machera, o demônio dos caminhos; Inrupari e Anhangá, o diabo simplesmente. Marangioana não denota um demônio, mas a alma separada do corpo, ou alguma outra coisa anunciando a morte. Não os veneram, entretanto, com cerimônias ou ídolos. Alguns dentre eles tratam às vezes de apaziguá-los, plantando estacas no chão e aí colocando junto alguns presentes: esses espíritos aparecem raramente de forma visível entre eles, ainda que outros tenham escrito diferentemente. Nada disso nos incomoda muito, pois o brasileiro de hoje, não mais o chamado selvagem, também pratica tipo semelhante de religião e guardou ou adquiriu essas crenças ou outras bem parecidas.

Ainda com relação a religião ou crença, diz Laet que os brasileiros têm feiticeiros, dos quais não se servem senão como médicos, e lhes são muito submissos por recobramos com eles sua saúde. Mais adiante, trataremos de outros detalhes referentes a medicina e cura. Existem também às vezes entre eles pessoas não confiáveis, que ainda que nada saibam da magia, estão entretanto habituados a enganar esses pobres miseráveis e através de movimentos e gestos não habituais do corpo, se fazem admirar e por alguns falsos milagres ganham crédito. Os selvagens os chamam de Caraibas. Eles persuadem seu povo, algumas vezes em províncias inteiras, de que não é preciso mais semear nada e que chegou o tempo em que a terra produzirá por ela mesma todas as coisas, e que os animais selvagens virão espontaneamente entregar-se a eles para lhes servir de carne. Com tais e semelhantes bobagens, eles abastalam de tal forma esses miseráveis, que são em geral bastante preguiçosos por natureza, que, negligenciando a cultura da terra, eles se encontram insensivelmente destituídos de víveres e morrem de fome, até que esse Caraíba fique sozinho ou até que seja morto por sua gente, quando percebe sua má fé.

Mas é verdade que são dignos de estranheza certos costumes, como por exemplo, os relacionados a casamento, gravidez, nascimento do filho. Conta Laet que os casamentos são confirmados por um leito pendente, feito de algodão, em forma de rede, bem limpo. O pai ou o sogro, depois que o casamento é consumado, corta com uma pedra cortante uma estaca de madeira e se imagina que corta por esse meio os rabos dos seus netos que nascerão depois e que eles nascerão por isso sem rabo. Depois que as mulheres engravidam, os maridos não matam nenhum animal fêmeo, temendo que morra o fruto de suas mulheres, por essa razão. As mulheres dão à luz estendidas no chão. O pai ou um amigo, que eles escolhem como compadre, ergue a criança da terra; depois, o pai corta com os dentes ou com alguma pedra afiada a tripa do umbigo (tudo isso é feito agora entre os mais civilizados pelas mulheres). Jejuam até que a ferida seja curada, normalmente até o 8º dia. As mulheres, assim que liberadas, vão a um rio ou a uma torrente, onde se lavam com água fria. Aleitam seus filhos um ano inteiro e, muitas vezes, mais, sem lhes dar de comer outra coisa, durante esse tempo. Eis porque elas os amam perdidamente e os carregam nas costas pendurados numa "tipóia" por toda parte aonde vão. Não os castigam nunca e não os deixam chorar. Estimam mais o bem que se faz aos seus filhos que a eles próprios.

Eles se servem de redes de algodão muito bem feitas, em vez de camas, as quais eles penduram no tempo ou sob seus tetos, entre duas estacas, acendendo uma fogueira perto, remédio contra os maus fluidos que se levantam da terra. Ora, em cada casa, onde moram cerca de 50 famílias, há um dos mais velhos que governa os outros e lhes discursa de manhã, de sua cama, como de um púlpito, em alta voz, lhes indicando a cada um o que eles devem fazer naquele dia. E depois que ele se levanta, ele vai discursar do mesmo jeito, em toda vizinhança; eles aprenderam esse costume, como dizem, com uma certa ave (que parece ser o gavião) que excita, como dizem, os outros pelo seu canto, quando chega a manhã, e por isso eles a chamam Rainha das aves.

Alguns pontos relatados por Laet nos fazem entrever um misto de fantasia, mitologia, ciência e verdade, nesse selvagem, que é místico e misterioso, cuidadoso e sábio, com um senso de moral, muitas vezes bem próximo ao de muitos "civilizados". É nosso propósito, a partir daqui, abordar, então, o relacionamento desse selvagem com os animais e as plantas, dos quais ora se afasta por os ter como temidos, repugnantes e prejudiciais, ora deles se serve para sua cura e sobrevivência. E começamos pela já conhecida figura mitológica das Sereias, monstros fabulosos, metade mulher, metade peixe, que habitavam rochedos escarpados entre a ilha de Cáreas e a Itália. Atraíam, com a doçura do seu canto, os viajantes para cima dos escolhos. Como Ulisses se mostrasse insensível às suas seduções, atiraram-se por despeito ao mar. Os brasileiros chamam os Tritões ou Sereias, Ypupiara, entidade mitológica, seres que habitam as fontes; eles tinham tanto horror a esses monstros que às vezes morriam só de medo e sem eufemismo. Eles assumem extremamente bem o rosto humano, a não ser os olhos que ficam mais profundos na cabeça. Diz-se também que as fêmeas têm longos cabelos e um belo rosto. Ficam, em geral, na embocadura dos rios e são vistos mais freqüentemente abaixo de Lagoaripe, 7 ou 8 léguas da Baía de Todos os Santos, assim como perto de Porto Seguro, onde dizem que mataram vários selvagens. Abraçando-os ao meio, eles os apertam tão forte que os sufocam, o que não fazem com essa intenção, como parece, mas por uma singular afeição, porque foram vistos suspirando depois que os mataram e se retiram sem

levar nada do corpo, a não ser eventualmente os olhos, o nariz, a ponta dos dedos ou então as partes pudendas. O que é um indício de que foram mortos por esses monstros é que lançados em seguida na margem, são encontrados no mais das vezes mutilados desses membros. Há muita coincidência entre essas figuras criadas por homens tão diferentes e em regiões tão distantes da Terra.

Continuando no âmbito aquático, há, no Brasil, rãs em muito grande número, nos rios, brejos e lagos. Entre elas há as que chamam Guararicos, de que os selvagens têm tanto horror, que é uma coisa incrível, porque somente de ouvi-las eles ficam tão assustados que, não havendo o que os console, freqüentemente morrem. Dizem que elas emitem, quando crescem, um certo esplendor, como um relâmpago.

Os Camarus são semelhantes às serpentes do mar encontradas ao longo da costa em Portugal. São longos de 10 a 15 palmos e tão gordos, que assados, têm o gosto de carne de porco. Seus dentes são monstruosos; suas mordidas, muito perigosas; os membros dos homens, quando atingidos, apodrecem e caem; têm muitos ferrões. Os selvagens dizem que que elas copulam com as serpentes terrestres e que viram isso várias vezes.

Ainda quanto a serpentes, a serpente Manima jamais sai da água. É tão elegantemente pintada, que selvagens se ufanam de ter tirado dela a moda e a forma de se pintar o corpo. Daí porque lhe têm tanta estima, que aquele a quem ela se mostrou conclui que por isso ele viverá muito tempo.

A Curucuçu é uma serpente cruel e muito temível; longa, às vezes, de 15 palmos, seu veneno está principalmente na cabeça. Por isso, quando capturada pelos selvagens, têm a cabeça cortada imediatamente e enterrada.

A Cururyuba (informação que Laet diz ter conseguido com o autor português) é a mais longa e bela serpente do rio que essa região tem; é freqüentemente encontrada com o comprimento de 25 a 30 pés. Tem uma corrente nas costas que vai desde a porção de trás da cabeça até a ponta do rabo, traçada delicadamente em diversas cores. Tem dentes de cão: se conseguir pegar um homem ou um animal, devora-o inteiro. O que os selvagens contam é completamente incrível: quando ela se alimentou bem, apodrece, com a barriga para o alto, na terra, de forma que os corvos e outras aves comem inteiramente sua carne, deixando só o esqueleto; em seguida, a carne lhe volta espontaneamente, retomando então a mesma forma, o comprimento e a grossura, porque a cabeça, onde está o espírito vital, fica por todo esse tempo escondida na lama. Eis porque os selvagens, sabendo disso, quando encontram o esqueleto ou o corpo apodrecendo, procuram cuidadosamente a cabeça e a tirando fora da lama a esmagam. Dorme tão profundamente, inebriada, que os selvagens lhe cortam, muitas vezes, uma parte do rabo sem que ela o recolha. Não é estranha à mitologia essa imagem de se deixar consumir e, em seguida, renascer. Estamos lembrando a ave fabulosa, Fênix.

E já que entramos no reino das aves, os selvagens conheciam o Guainumbi, beija-flor. Acreditava-se que nasciam de duas maneiras, os de ovos, como as aves, e outros, pensa-se, seriam moscas transformadas em pássaros, o que é, sem dúvida, uma fantasia. Já o Tangará ou pássaro dançarino, passeriforme, da família dos pípridos, é do tamanho de um pardal, cor negra, cabeça amarelada. Não canta e parece que está sujeito ao "mal caduco", razão pela qual os selvagens não gostam de comê-lo.

Laet trata dos animais nos capítulos V (Quadrúpedes), VI (Cobras e Serpentes terrestres), VII (Aves), XII (Peixes marinhos), XIII (Crustáceos e peixes testáceos e Aves marinhas) XIV (Peixes fluviais e Cobras). Passando, agora, ao reino vegetal, arrola Laet, nos capítulos VIII (Árvores frutíferas), IX (Árvores), X (Ervas, Plantas e Raízes comestíveis), XI (Plantas), XIII (Árvores costeiras e marinhas) e XV (Árvores e Ervas), várias plantas, das quais selecionamos algumas, pela peculiaridade do relacionamento que tinham com elas os indígenas brasileiros.

A Iapucaya [tupi: *yaça-pucaia*, de *ya*, fruto, *sá* ou *ecá*, olho, *puçá*, saltar, fruto que faz saltar o olho, isto é, que desperta grande desejo de comê-lo, ou então fruto em forma de olho saltado, da família das Lecitidáceas, *Lecythes pisonis*] está entre as grandes árvores dessas regiões. Dão um fruto parecido com um cálice e uma tampa, contendo dentro castanhas muito parecidas com ameixas amarelas. A tampa se abre sozinha quando o fruto está bem maduro, e assim as castanhas caem. Comendo-se crus em grande quantidade, caem todos os cabelos do corpo, mas cozidos não fazem nenhum mal.

Veja-se, porém, o que se diz da sapucaia, no século XIX (Moraes, 1881: 35, *ap. Papavero et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 49): "A capsula ou pilão da sapucaia é medicina diuretica e anti-syphilitica. As amendoas comidas servem para arrancar a espinha de peixe da garganta. O óleo é excelente para resolver gomas (exostosis) e tumores gottosos".

O Caraguatá [tupi: *carauá-atã*, o *caruá*, fibra, duro, forte, o mesmo que Coroa ou Gravatá, da família das Bromeliáceas] é uma espécie de cardo, dá um fruto amarelo, comprido de 1 dedo, que, se colocado cru na boca, descasca os lábios, mas cozido ou assado não faz mal. Entretanto, é abortivo. Para o século XIX, diz Moraes (1881: 185), *ap. Papavero et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 46: "Os fazendeiros costumam dar o gravatá cozido, e depois de fermentado, aos enfermos de opilação ou cansaço, sendo uma chicara pela manhã, e outra á noite, guardando o enfermo as condições dietéticas".

Há, sem dúvida, em todas essas atitudes e "crenças", no relacionamento dos selvagens com a natureza, algo de verdade. E em muitos casos, isso se confirmou através dos séculos. É o que acontece com as plantas curativas que Laet apontou, em sua descrição, e que são retomadas por outros, nos séculos posteriores, até os nossos dias, conforme se poderá encontrar em almanaques, manuais de plantas medicinais, ou obras mais sérias que tratam da medicina natural. Há, pois, mais do que escrúpulos, medos, intuição, tabus, uma certa ciência, no comportamento desses brasileiros tão selvagens, porém tão sábios. Seguem, então, as plantas que são arroladas por Laet como curativas.

A Aiabutipita, batiputá, variante de jabutapitá [tupi: *iboti*, flor, *api'tá*, feixe, amarrado, da família das Ocnáceas, *Ouretea parviflora*] é um arbusto de 5 ou 6 palmos, dá um fruto parecido com amêndoa, mas é preto, e produz um óleo da mesma cor, com o qual os selvagens ordinariamente ungem os membros dos fracos.

A árvore Ambaíba [tupi: *āba-ib* = árvore oca, do gênero *Cecropia*, da família das Moráceas (ambaíba, embaíba, imbaíba, umbaíba)] é também parecida com a figueira, mas é mais baixa. Encontra-se quase sempre entre o matagal e nos campos que foram outrora cultivados, raramente ou jamais nas florestas. A superfície interior do tronco, sendo raspada e colocada sobre as feridas frescas, com a casca para cima, cura-as imediatamente. No século XVIII, assim se referem à imbaíba: "brota frutas do tamanho, e feitio dos dedos das maons, doces, e

saborozos; os seus grelos fazem estancar o sangue, q'se lansa p^a boca."Veja-se sobre isso Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 235 e nota, p. 254, onde diz, para o século XIX: "Sobre a Embauba ou umbauba, comenta Moraes (1881:163): "Os olhos, e fructos da embauba, feito xarope, ou mesmo cozimento, é muito recommen-dado para curar a tísica. Os olhos d'esta planta pisados com sal e postos sobre os tumores, os resolve".

Sobre a umbauba, nos dias de hoje, diz-se que "seu chá provoca três vezes mais urina; das folhas se faz um xarope contra tosse, asma, coqueluche, afecções respiratórias. É tônico do coração e regulariza as batidas. Combate a câimbra do sangue. O suco da raiz cura úlceras cancerosas e gonorréia. Usada longo tempo, no entanto, prejudica as contrações do coração." (Körbes, *Manual de plantas medicinais*, p. 78).

A Ambaitinga [embauba branca tupi: *tinga*, branca] serve para tudo onde se emprega o bálsamo, porque cura muito bem as feridas, alivia dores provocadas por matéria fria ou vento. É também boa contra os males do estômago causados por humor frio, ou ventos, se se tomar com um pouco de vinho branco. Além disso, o autor português que Laet diz ter seguido em quase tudo, recomenda muito as folhas dessa árvore contra o vômito e diz que o óleo cura a fraqueza do estômago, se esfregado na pele.

A Araticupana [tupi: *arati'ku*, espécie do gênero *Anona*, árvore do cerrado, da família das Anonáceas, *Anona crassiflora*] é uma árvore do tamanho de uma laranjeira, tem as folhas como as do limoeiro. Produz um fruto grande como uma pinha, cheiroso e com um gosto muito agradável e que evita o vômito. Há de várias espécies e entre elas uma que chamam Araticupania, cujo fruto se estima muito frio e comendo-se muito, torna-se tão nocivo quanto um veneno. "No século XIX, Moraes (1881: 48-49) distingue o Araticum apé, ou Araticum da mata ("a fructa pode dar-se aos convalescentes. As folhas, bem quentes, e postas sobre os tumores inflammatorios, promovem a suppuração com brevidade. O suador feito com o cozimento das folhas, faz desaparecer as febres intermitentes, e isto antes de principiar o accesso. As folhas soccadas, e applicadas sobre os botões syphiliticos, os faz suppurar com rapidez"), o Araticumpaná ou caca, ou araticum da praia ("O cozimento feito com a casca, e a raiz desta árvore, serve para banhos no rheumatismo, e é contra o veneno de cobra"), o Araticum da areia, e Araticum do rio ("As sementes, reduzidas a pó, e postas sobre as úlceras comichosas das crianças, matam o bicho das sarnas, e curam-nas em pouco tempo"), conforme Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 43.

Hoje, o Araticum é tido como tônico e é usado contra "sapinho". Também é bom contra as cólicas, diarreias, fraqueza do estômago e dos intestinos. A semente e a casca, reduzidas a pó e com azeite, atuam contra os piolhos e feridas cancerosas e sifilíticas. Seu chá elimina vermes.

Há ainda uma outra árvore conhecida pelo nome de Betele [malaiala: *vettila*, família das piperáceas *Piper chavica betel*, originária da Índia], um pouco menor que a primeira, com folhas redondas; a raiz tem uma virtude cáustica, como o gengibre; alivia a dor de dente, quando colocada na concavidade das gengivas.

Os habitantes do país comem a semente do Caju [tupi: *acayu*, da família das Anacardiáceas, *Anacardium occidentale*] depois de tê-la torrado um pouco; tem gosto agradável.... Diz-se que nada melhor para curar o impetigo que esse óleo acre. É certo que os selvagens o usam contra a sarna. A casca do cajueiro fervida na água com limalha de cobre cura as úlceras malignas. Relacionada, no século XVIII, como boa para estancar sangue. No século XIX, segundo Moraes (1881: 105), "o sumo do caju é

diuretico, anti-syphilitico, e refrigerante. O uso continuo do sumo do caju cura as enfermidades da pelle." (v. Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 42).

Atualmente, tem-se o suco do Caju como diurético. É bom contra fraqueza em geral. A casca do cajueiro é eficaz contra diabetes. O sumo é usado em gargarejos, para tosse, cólicas, doenças da pele. É tônico genital e afrodisíaco.

A Copaiba (*Copaifera langsdorffii*), copaibeira, pau-de-óleo [tupi: *cupa-yba*, árvore que tem depósito ou que tem jazida; alusão à capacidade que possui o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico, medicinal, precioso, para cuja extração, em época própria, a dos grandes calores se procede como se o tronco fosse um barril, praticando-se-lhe um pequeno furo, a certa altura, para a introdução do ar e, sangrando-se a árvore, que dá de si, sem mais trabalho, o óleo que tiver; cupaiba: diz Ferreira que em fins do século passado, isto é, em 1787, vendia-se no Pará cada pote de nove canadas de Lisboa por 6.000 e 6.400; acrescentando que era já então um dos negócios mais importantes dos que se faziam com as drogas do sertão, ainda que só no Solimões houvesse a árvore donde este óleo se colhe. "Usavam dele os pintores em falta de linhaça, mas servindo pouco para pinturas expostas ao tempo, por caírem logo; sendo de mais duração as que se fazem no interior das casas ou em partes resguardadas da chuva. Nasce pelo centro dos matos em partes secas, e livres d'águas estagnadas".] é uma árvore que parece com a figueira, alta, grossa e reta, e contém muito óleo. Fazendo somente uma incisão na casca, dá uma grande quantidade de óleo muito claro, tal qual o que se extrai das oliveiras, sobretudo apreciado por curar feridas e tirar cicatrizes.

No século XIX, diz Moraes (1881:155-156) que "O oleo de cupahyba usa-se de tres modos em medicina: o primeiro, pela bocca; o segundo, em fricções, e o terceiro é especial, misturando-se com outras substancias. Primeiro, toma-se pela bocca em jejum, em uma gemma de ovo, ou em uma colher de caldo, ou em vinho, (...); cura a asthma, as dôres da bexiga; tira as dôres inveteradas do estomago; aproveita aos tysicos; combate as inflammções chronicas do figado; facilita a transpiração insensivel; cura as opilações; fortifica nervos; faz tornar a côr perfeita do rosto; conforta e purifica o bafo da bocca; combate as febres continuas, e as intermitentes, tomando o oleo antes do apparcimento do accesso; cura as gonorrhcas; é contra as epidemias, causadas dos miasmas deletorios; conserva as forças viris, e cura as ruturas; cura as dysenterias chronicas mais rebeldes. Segundo modo, em unturas e fricções, para curar as feridas frescas, especialmente as da cabeça, applicado o oleo quente, cura as contusões, e faz desinchar; limpa as chagas velhas, os cancos, e mina as cicatrizes mal formadas; desembaraça a circulação nervosa; cura todas as dôres causadas de frialdades, ou ventosidade, untando a parte dorida; conforta e preserva o cerebro, e tira todos os humores do mesmo, os vapores que comprimem o mesmo cerebro, esfregando-se com o oleo as fronteas, a nuca, a espinha, e a parte enferma; fortifica o estomago, fazendo-se fomentações, desvanece os flatos; desobstrue o baço, pondo-se o oleo quente sobre o logar; tira as dôres provocadas pelas pedras e areias da bexiga e rins; mitiga as dôres do ventre, e dos dentes, esfregando a nuca, da parte da dôr; faz desaparecer as dôres de colicas do ventre, por accumulo de ar, esfregando-se o umbigo com oleo; tira e cura as empigens, e fogo selvagem; restabelece a saude do utero, e sempre que se empregar o oleo de cupahyba seja quente, cura a erysipela, e a elephantiasis. Terceiro modo, mistura-se o oleo com clara de ovo, e unta-se o rosto, para tirar a vermelhidão d'esta parte, e as nodoas, e mesmo as sardas." (v. Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 63).

Até hoje, a copaíba é tida como um dos remédios mais milagrosos, na medicina popular. Em pequenas doses, é usado como antituberculoso e estimulante, e no combate à bronquite. A semente, pulverizada e misturada com rapé, é ótima para casos de sinusite. Um cozido preparado com a semente costuma ser aplicado sobre feridas e outros problemas de pele.

A árvore Curupicaíba tem a folha parecida com a dos nossos pêssegos; dão um licor de leite parecido com o dos figos, que é um singular remédio contra feridas e pústulas. Sua casca cortada destila cola, da qual os selvagens se servem para capturar pássaros.

A árvore Caroba [tupi: *caa*, planta, folha, roba, amarga, da família das Bignoniáceas, gênero *Jacarandá*] é muito freqüente nessas regiões; as folhas, quando mastigadas um pouco e aplicadas sobre as pústulas venéreas, as curam tão bem que elas não voltam. Acredita-se que a madeira tem a mesma virtude contra essa doença que tem a raiz da China e a madeira santa que as Antilhas produzem. Faz-se também com suas flores uma conserva para o mesmo uso. Até hoje é tida entre as plantas medicinais: a decocção da raiz ou da casca pode ser usada externamente para lavar feridas e, em gargarejos, para debelar doenças da garganta. Internamente, combate as moléstias da pele de caráter sifilítico, dores nos ossos, reumatismo e artrite.

Há pouco tempo (segundo esse autor português que auxiliou Laet), notou-se que a erva Cayapia [tupi: *caa*, planta, pi'á, coração, as folhas são cordiformes, do gênero *Dorstenia*, da família das Moráceas, ervas tenras, leitosas, providas de uma espécie de rizoma e de flores insignificantes que se inserem num amplo receptáculo discóide] é quase um único e singular remédio contra venenos, principalmente de serpentes, donde ser chamada erva de serpente e não deixa a desejar para o unicórnio nem ao Bezaar e ao Coco de Maldivia. A raiz, que é delgada e separada por um nó, macerada nesse ponto e bebida com água, resiste poderosamente ao veneno das serpentes e os que são feridos com flechas envenenadas. Também conhecida como contra-erva ou calapiá. "Diz Moraes (1881:144) é sudorífica, e contra veneno de cobras, lacrações, etc. Empregam-na contra as febres e contra as defluxões do peito". (v. Papavero et al., *Hist. Nat.*, vol. II, p. 228).

A Caobetinga é uma ervinha que produz poucas folhas, saindo da própria raiz, esbranquiçadas por baixo e verdes por cima. Dá pequenas flores como avelãs. Diz-se que as raízes e folhas piladas curam feridas e mesmo as folhas inteiras colocadas sobre os ferimentos neles aderem firmemente.

A erva Cobaura cura, como dizem, as úlceras malignas e inveteradas, se se salpicá-la, tritura ou reduzida a pó, porque ela tira a malignidade e faz vir uma nova pele. As folhas também, piladas verdes, restauram muito bem a pele.

A Camará [tupi: *caa*, planta, mbará, pintalgado] Catinga [tupi: *caa*, planta, tinga, branco] dá uma flor muito bonita (que cheira a almíscar), semelhante ao cravo. A água onde suas folhas são fervidas cura muito bem as úlceras, pústulas e feridas recentes. Na verdade, nome aplicado às mais diversas plantas, pertencentes a distintas famílias, tais como Loganiaceae, Compositae, Lauraceae e Vochysiaceae (v. Papavero et al., *Hist. Nat.*, vol. II, p. 17). Hoje, Camará é utilizado nas afecções catarrais, asmáticas e pulmonares; coqueluche, resfriados e gripes. Folhas e flores ou casca combatem febres e perturbações digestivas em forma de chá, 20 g por litro (Körbes, *Manual de Plantas Medicinais*, p. 60).

Dizem que as favas de Commenda-ouassu [tupi: *comandaguassu*, fava grande] sendo piladas frescas e ainda verdes e colocadas sobre as feridas venéreas, as curam.

A erva Embeguaça (tupi: *im'bé*, trepadeira) tem raízes longas às vezes de 30 côvados e até mais. A casca é dura, dela se fazem cordas de navio, extremamente fortes, porque reverdecem na água. Essa casca pilada é colocada nas brasas e faz parar com sua fumaça o fluxo de sangue, principalmente nas mulheres. Diz, em nota, Papavero et al., *Hist. Nat.*, vol. II, p. 259, "designação comum às plantas trepadeiras da família das Aráceas pertencentes ao gênero *Philodendron*... Moraes (1881:202-203) reconhece o imbé, espécie de cipó, de que se servem os camponeses para curar as feridas velhas; e as raízes usam em purgante, nas hydropesias... como diuréticos."

A Gabueriba ou Cabureiba, cabriúva, provavelmente cabriúva-do-campo [tupi: *caburé-iba*, árvore do Caburé, da família das leguminosas-papilionáceas, *Myrocarpus fastigiatus*] é uma árvore frondosa e muito apreciada pelo bálsamo que ela produz. Com a casca levemente retirada, coloca-se aí algodão, no qual escorre insensivelmente o licor que os portugueses chamam bálsamo, porque ele se aproxima muito do verdadeiro e cura as feridas novas, além de cheirar muito bem. Os animais selvagens, esfregando-se nelas, arrancam a casca para se curar. Em nota de Papavero et al., *Hist. Nat.*, vol. II, p. 62 "Sob Cabureigba ou Balsamo do Espírito Santo, Moraes (1881:98) comenta: "É árvore balsâmica, e da qual se extrai, por meio de incisão um bálsamo aromático, descripto pelo nosso douto naturalista Freire Allemão. Este bálsamo serve para cicatrizar as feridas recentes e mesmo as úlceras crônicas, possuindo a singular particularidade de não deixar o sinal da cicatriz..."

A Guaraquimya parece com a murta de Portugal. Além de outras faculdades notáveis, dá-se uma virtude particular à sua semente, que, comida, faz logo expelir os vermes do intestino.

O Hiouurae (diz de Léry) é uma casca com meio dedo de grossura, de gosto agradável, principalmente quando está fresca; é uma espécie de Guayacam "do taíno guaiak, através do espanhol, da família das Zingifiláceas *Guajacum officinale* e *Guajacum sanctum*, também chamado Gaiaco". (v. nota de Papavero et al., *Hist. Nat.*, vol. II, p. 248), segundo o que Laet aprendeu com dois boticários que atravessaram o mar com ele, e os selvagens a usam contra a sífilis. Thevet descreve a maneira de a receber, e acrescenta que o fruto é quase semelhante a uma ameixa média, de cor dourada, que só produz uma vez cada 5 anos. Dentro, contém um carocinho, doce e delicado, e sobretudo agradável aos doentes.

O Iaborandiba [tupi: *yaborã'di*, o que faz salivar, jaborandi, da família das Rutáceas, do gênero *Pilocarpus*] que é também conhecido pelos selvagens como Betele, se reproduz principalmente das margens dos rios. Suas folhas fornecem um singular remédio contra todas as afecções do fígado. É conhecida no século XVIII como "boa para dores de cólica; hé contra veneno e desobstruente; das folhas se-faz unguento, que cura as feridas..." (v. Papavero et al., *Hist. Nat.*, vol. II, p. 236).

Hoje em dia, o chá de suas folhas é empregado no tratamento de gota, reumatismo, hipertensão arterial, além de ser depurativo e diurético. Pode ser usado em banhos e no tratamento local de glaucoma.

O Ianipaba [tupi: *yandi-ipab*, fruto das extremidades que dá suco, Jenipapo, da família das Rubiáceas, *Genipa americana*] é uma árvore muito bonita e alegremente verde, troca de folhas, que não são muito diferentes das da nogueira, todos os meses. Dá

um fruto parecido em forma com a laranja, e tem o gosto do marmelo e uma singular faculdade contra a disenteria. Ainda ano século XIX, consta como "conveniente aos que padecem de dysenterias, e obstrucções do fígado e baço. É singular remédio para asthma, ou defluxo asmathico, tomado em forma de lambedor. A massa feita do genipapo verde e mel de gitahy, ou de urussú, posta sobre as hernias, curam-nas. O genipapo verde posto sobre os cravos dos pés os destroe. Cortada a casca verde, applicada sobre qualquer ruptura, principalmente do umbigo das crianças, e tando com uma atadura e compressa, e se revesando de tres em tres dias, cura a ruptura", conforme Moraes (1881: 178-179), ap. Papavero et al., Hist. Nat., vol. II, p. 48.

Iandiroba [tupi: yandi-roba, óleo amargo, Andiroba, da família das cucurbitáceas, *Fevillea trilobata*] é uma erva que abraça as árvores como a hera, grossa como um dedo. Dá um fruto redondo, parecido com um marmelo, cheio de uma polpa branca e dentro há três favas, que dão um óleo amarelo, bom para as dores e males dos membros provenientes da friagem.

A erva Iambig é muito salutar para os que sofrem de males do fígado ou de cálculos.

A árvore Igbucamici é muito comum na capitania de São Vicente. Dá um fruto parecido como um marmelo, cheio de grãosinhos dentro, que são um remédio muito garantido, como dizem, contra a disenteria.

A Igiciga produz uma espécie de mástique, de odor agradável. Sua casca pilada dá um licor que, congelado, serve como incenso e se aplica em forma de emplastro, com sucesso contra as afecções da friagem.

O Igpecaya ou Pigaya cura muito bem disenteria. Seu caule tem a altura de meio côvado e a raiz, do mesmo comprimento; produz no máximo 4 ou 5 folhas, de muito mau cheiro. A raiz pilada e deixada uma noite na água, no sereno, dada de manhã a um doente, depois de coada, o purga de tal forma que pára o fluxo do ventre.

O Iticuçu, provavelmente Jeticussu [tupi: yetica-açu, batata grande], parecido com a raiz de Mechoacán, *Convolvulus mechoacana*, é também dotado de virtude purgativa. Toma-se triturado com vinho, contra a febre; assim também na fervura com uma galinha.

Jaboticaba [tupi: iapoti-caba, frutas em botão, da família das Mirtáceas, *Myrciaria cauliflora*] é uma árvore reta e grande, com galhos muito fortes, dá frutos desde o pé até a copa, com tanta abundância e tão juntos, que se vê com dificuldade o tronco da árvore. É um fruto redondo, preto, do tamanho de um limãozinho, o suco é doce, como de uvas maduras, com um gosto temperado e sadio, e muito bom para os estados febris. Relacionada no século XVIII como "proveitoza em ajudas para diarreas, e almorroidas" (Papavero et al., Hist. Nat., vol. II, p. 32), e no século XIX, para a asma (Moraes, 1881: 211).

A Jaboticaba usada hoje, em gargarejos, contra inflamação das amígdalas, e também contra a diarreia, contra as varizes e erisipela.

Os selvagens costumam comer Mamão, *Carica papaya* L., da família das Caricáceas para soltar o intestino. No século XIX, segundo Moraes (1881: 244), "O leite das arvores e da fructa, bem como as sementes são contra os vermes intestinaes. O leite da arvore e da fructa envolvido em polvilho, e tomado pela bocca, favorece com promptidão a cocção da digestão dos alimentos, reanimando as forças do estomago enfraquecido: é o leite de mamão a pepsina vegetal, que sem trabalho se póde obter em proveito dos enfermos. O leite do mamoeiro applicado á pelle a

amacia e a limpa das nodoas ou pannos, bem como cura sem perigo as empigens. O leite ministrado com verdete, e applicado ao unheiro, o cura: o xarope feito com as flores cura a tosse e a defluxão do peito. A fruta madura, comida pela manhan, e sobre ella bebendo-se um copo d'agua, é um laxativo brando; comendo a fructa, e bebendo-se aguardente em cima, cura a febre intermitente." (v. Papavero et al., Hist. Nat., vol. II, p. 45)

Hoje, o chá das folhas do mamoeiro ajudam a digestão. Serve também para lavar feridas, eczemas, baixar a pressão alta e controlar a tosse. A semente e o leite combatem os vermes e as verrugas.

Da Mandioca [tupi: madi'og, mandi-oca, isto é, pão de casa, da família das Euforbiáceas, *Manihot utilisima*] seca à fumaça, os selvagens fazem várias bebidas que chamam Mingau, tão sadias que são dadas aos doentes como restauradores. Eles acham que a Mandioca assim defumada é um antídoto contra o veneno das mordidas das serpentes. Entre as espécies de mandioca, nota-se uma que chamam Aipim, que não é nociva crua, da qual os selvagens fazem uma bebida um pouco fria e muito útil ao fígado, de forma que se pensa que por causa dela os selvagens são pouco atacados de doenças do fígado. No século XIX, descreve Moraes (1881: 247-249) os usos medicinais: "Os indios fazem com a raiz da mandioca bom vinho, fresco e medicinal, que serve para curar a obstrucção do fígado. As folhas soccadas com cachaça servem para curar o cobreiro, e empigens applicando-se sobre a parte affectada. A mandioca puba ou cariman cura as feridas de máo caracter, applicada sobre ellas em fôrma de emplastro. O professor José Rodrigues de Mello, Portuense, vindo da cidade do Porto, enfermo de tysica pulmonar, para o Rio de Janeiro, recommendado aos jesuitas, foi recolhido á casa de recreio e noviciado dos padres da companhia, hoje hospital dos Lazaros, em S. Christovão, e o enfermo sem outros meios medicinaes que os bons ares, e mingaus de carimans com leite e ovos, se restabeleceu da tysica, que lhe ameaçava a existencia..." (v. Papavero et al., Hist. Nat., vol. II, p. 38)

A farinha de mandioca é utilizada, atualmente, contra disenterias e diarreias. O chá dos brotos favorece o sono. Alivia também as hemorroidas. Em forma de cataplasma, aplica-se nos abscessos e inflamações.

A Mururuca é uma erva muito bela de se ver, principalmente em flor, sobe nas paredes e nas árvores como trepadeira. As folhas piladas curam admiravelmente bem as úlceras malignas.

Diz-se que o Ananás [guarani: nana, recender, cheirar forte, qualidade própria da fruta Naná, espécie de Abacaxi, tupi iba, fruta, caxi, recendente, *Ananas sativus*, da família das Bromeliáceas] é um singular remédio contra as nefrites, mas julgam que faz mal aos que têm febre. Os brasileiros espremem desse fruto um vinho delicado e forte. Fresco, pensa-se que ele auxilia contra o vômito no mar. No século XIX, diz Moraes (1881: 32), "O succo do ananaz maduro póde se dar aos enfermos de febre continua, ou mesmo aguda, como salutar refrigerante. É recommendado aos doentes do fígado, e estomago; e mesmo aos que padecem de pedras no fígado, e na bexiga urinária. O sumo do ananaz verde provoca o aborto. Posto sobre a ferida de estrepe, ficando dentro, o arranca (...). O padre Simão de Vasconcellos, na Chronica da Companhia, accrescenta ser o succo do ananaz efficaç remedio para a suppressão da urina e dôr de rins, e juntamente contra veneno, especialmente contra o sumo da mandioca (manipoeira), ou raiz della". (v. Papavero et al., Hist. Nat., vol. II, p. 47)

Agora, a fruta, a casca e as folhas do Abacaxi são tidas como desobstruentes do fígado, favorecem a digestão, são depurativas do sangue e combatem a prisão de ventre. A fruta é também usada em xaropes contra doenças respiratórias, bronquites e dores de garganta, mas é desaconselhável durante a gravidez e nas doenças cutâneas.

O Umbuzeiro é uma árvore grande, mas baixa: dá um fruto, o umbu [tupi: *y-m-bu*, o que dá de beber, que tem água, da família das Anacardiáceas, *Spondias tuberosa*], parecido com uma ameixa branca, mas um pouco mais redondo e amarelado. Muito perigoso para os dentes, de modo que os selvagens que os comem normalmente, são freqüentemente desdentados. Comem-se também normalmente as raízes dessas árvores, que são doces como o açúcar, frias e muito sadias, de forma que os médicos as prescrevem como refrescantes aos que têm febre ou outra doença quente. No século XIX, segundo Moraes (1881: 383), "O fruto é conveniente para tirar o fastio, por ser estomacal, e por isso dá-se aos convalescentes, e aos que padecem de icterícia. Os olhos das folhas pisados com sal, e filtrado o sumo, serve para curar belides. Na raiz se encontra uma batata, que estando nova é doce, e tem a propriedade ante escorbútica." (v. Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 48)

O umbu é usado hoje como purgante e para combater vômitos, mas cura também o reumatismo e serve para lavar os olhos. Dizem, no entanto, que pousar à sombra dessa árvore pode provocar dores de cabeça, por causa da essência que as folhas exalam.

As folhas da Pacoba [tupi: *pacoba*, folha de enrolar, banana, *Musa paradisiaca* L.] são um pouco frias, de forma que colocadas como forro sob os que têm febre amenizam o ardor. O fruto maduro é de cor amarela, de bom sabor e muito sadio, principalmente aos que têm febre e que vomitam sangue. No manuscrito do século XVIII há: "Chamão os Espanhoes a esta planta Platano, os Índios Pacoba, e os Portuguezes banana..." Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 38, apõem a essa informação a nota: "Segundo Correa (1984 (I): 249)... tem aplicações especiais contra a diarreia astênica, a erisipela e afecções congêneres; prepara-se mesmo um xarope popular aconselhado nas dispepsias, bronquite e tuberculose."

E no século XIX, Moraes (1881: 68): "As flores da bananeira infundidas em água, e postas ao sereno da noite, é banho salutar, para as molestias dos olhos. O engaco pisado, e desfeito em água, e dado em clyster, é aprovado remedio, para curar as dysenterias rebeldes. O xarope feito com as flores da bananeira, é utilissimo, para as tysicas pulmonares; e no sertão já se tem curado a tysica pulmonar, unicamente com xarope das flores da bananeira. A fructa é emoliente, e maturativa dos tumores."

Hoje em dia, o chá das flores é visto como útil na blenorragia. O sumo é de grande poder cicatrizante no caso de cortes com hemorragia. As folhas se usam em banhos contra a urticária, inchaços, inflamações dos testículos, febres, feridas. A casca da fruta é útil contra machucaduras, feridas e úlceras. A fruta em si é boa para o intestino.

A árvore Peno-absou dá um fruto redondo grande como uma maçã grande, contendo seis nozes bastantes largas, mas mais miúdas que as amêndoas, nas quais há caroços. Os selvagens apreciam muito para curar feridas recentes, sendo, porém, muito perigosas para o estômago.

A erva de Taioba, da família das Aráceas (*Xanthosoma violaceum*) [tupi: *tajá-oba*, a folha do tajá], como se diz na linguagem dos selvagens, não é muito diferente da couve desses países; dizem que é dotada de uma faculdade purgativa. No século XIX, para Moraes (1881: 360), "O cozimento das folhas é emoliente. A raiz quente debaixo do rescaldo, e bem pisada faz desinchar as partes onde a cobra mordeu. A raiz mata os bichos das bicheiras dos animais, e destrói as carnes podres, promovendo a cicatrização." (v. Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 41). Ainda hoje é conhecida como cicatrizante de feridas.

A erva Tyroqui ou Tareroqui é avaliada principalmente contra a disenteria. Quando os selvagens ficam doentes, querem ser perfumados com a fumaça dessa erva, acreditando ser bom para a saúde. Também é tida como remédio contra vermes, que é um mal conhecido nessas regiões.

Finalmente, convém lembrar que as plantas de que os índios mais se serviam funcionam como um indicativo das doenças de maior incidência entre eles, na época: febres, feridas, anemia, reumatismo, dor de cabeça, cólicas, dor de dente. Além disso, indicam a necessidade de cura dos acidentes mais comuns: ferimentos involuntários e picadas de cobras e outros animais peçonhentos. Daí, eventualmente, os outros usos nos séculos posteriores.

Além da utilização das plantas, o índio também atribui grande valor aos remédios de origem animal. Entretanto, e como já vimos, há aqueles que sempre deviam ser evitados. Laet dá conta de ambos os aspectos, em sua descrição. Por exemplo, a rã marinha, ou sapo-do-mar, que os selvagens chamam Amayacu ou baiacu [tupi: *baya'ku*, da ordem Tetraodontiformes, da classe Osteichthyes] é um peixe curto, com o comprimento de 1 palmo somente, pintado, com belos olhos. Se tirado da água, ele ronca e se incha, porque tem veneno entre a pele e a carne, mas sendo descascado, pode-se comê-lo sem risco; de outra forma é mortal. Há uma outra espécie, protegida com ferrões como um ouriço, muito venenoso, mas, tirando-se a pele, pode-se comer e acham que serve contra a disenteria. Consta, entretanto, no século XVIII, como "...venenozissimos, ... não se-comem". (v. Papavero *et al.*, Hist. Nat., vol. II, p. 192)

Certos ossos, bicos, garras e esporões das asas de alguns pássaros tinham (e terão, provavelmente até hoje) para os índios um importante valor medicinal. É o caso do avestruz. Nas províncias do interior, diz Laet, há muitos avestruzes, que os selvagens chamam em sua linguagem Anduguaçu. São tidos entre as aves de rapina, tão grandes e gritam tão alto, que se ouve de meia légua. Sempre negros, belos olhos, o bico como o de um galo, ao qual se junta um chifre quase do tamanho de 1 palmo, que dizem curar os que têm algum defeito na língua, por uma virtude natural, quando pendurado ao pescoço, o que dizem ser comprovado por experiência.

O Apula, do gênero dos lagostins, é encontrado raramente. Não só é bom para comer, mas serve também como remédio, porque dizem que cura as doenças do baço, se se beber seu pó em jejum.

A Boitiupua ou Boitimapua [tupi: *boytiapóia*, de *mboy*, cobra, *tia-apó*, envolvente, constritora], como que para dizer, segundo entendeu Laet, serpente de focinho longo, é longa e cilíndrica. Diz-se que ela vive de rãs somente. Os selvagens as apreciam porque elas tornam férteis as mulheres estéreis, quando estas as esfregam nos rins.

O Caripira é um pássaro de rabo curvo, por isso os espanhóis o chamam Rabo forçado; os selvagens gostam muito de ter suas penas, para enfeitar suas flechas, porque perceberam que elas duram muito. Não é só lá que se encontram, mas em toda parte, numa e na outra Índia, de forma que ele agora é muito conhecido. F. Ximenez descreve que a gordura desse pássaro é um singular remédio para tirar as cicatrizes do rosto e que ele é sobretudo bom contra a gota.

Há, além disso, muitos peixes desconhecidos em nosso mundo, que têm um bom paladar e são salubres, em tão grande quantidade quanto dos que se pescam em nosso mar, como os que os portugueses chamam Tainhas. Eles observaram que, quando são frescos, servem contra a mordida de serpentes.

Ximenez, segundo Laet, escreve que as lâminas do rabo do Tatu reduzidas a pó e tomadas no peso de uma dracma, com a decoção de sálvia, provocam suor e são um remédio soberano contra doença venérea. O penúltimo osso do rabo, ligado ao corpo, reduzido a pó muito fino, transformado em pilulas com o vinagre rosáceo, colocadas nos ouvidos, elimina como por milagre a surdez quando ela é provocada por causa quente. Monard acrescenta: temos agora do continente o osso do rabo de um animal estranho, cujo pó transformado em pilulas, do tamanho da cabeça de um alfinete e colocadas nos ouvidos, alivia, como se sustenta, a dor e mesmo o zumbido ligado a uma pequena surdez. Por certo, achou-se por experiência segura que ela alivia a dor. Alguns garantem também (diz Ximenez) que o pó do rabo provoca a diurese, o que não consigo entender como é possível. As lâminas desse reduzidas a pó, e transformadas numa pasta com a água, tiram as espinhas de qualquer parte do corpo.

Teríamos, resumindo, para o século XVII, na visão do holandês, o seguinte quadro, que se poderia bem constituir numa curiosa página de almanaque de medicina popular para a época:

Males	Remédio de origem animal	Remédio de origem vegetal
Doenças venéreas	Lâminas da carapaça do tatu com sálvia	
Surdez e dor de ouvido	Penúltimo osso do rabo do tatu com vinagre rosáceo	
Espinhas	Pasta das lâminas do rabo do tatu	
Relacionados à urina	Pó do rabo do tatu	
Infertilidade	Boytiupua ou Boitimapua	
Relacionado à língua	Crista do avestruz	
Males do baço	Apula	
Gota	Caripira	Igbucamici, igpecaya ou pigaya
Disenteria	Amayacu	
Mordida de serpente	Tainha	Mandioca, cayapia
Impetigo		Caju
Sarna		Caju

Males	Remédio de origem animal	Remédio de origem vegetal
Feridas, pústulas e úlceras malignas		Casca do cajueiro, gabueriba ou caburciba, cupayba, ambayba, curupicaiba, caaroba, Hiouurae, Peno-absou, mururuca, caaobetingam, cobaura, camara catinga, commenda-ouassu
Estados febris		Ombu, jabuticaba, ananás, iticuçu
Vômito		Araticupana, pacoba
Cicatrizes		Cupayba
Males do estômago		Ambaitinga, Ianipaba
Afecções de friagem		Igciega, iandirola
Afecções do fígado		Iaburandiba, mandioca, iambig
Dor de dente		Bétele
Fraqueza		Aiabutipita, mandioca
Males do intestino		Mamão, taioba
Vermínose		Tyroqui ou tareroqui, Guaraquimya
Problemas hemorrágicos		Embeguaça
Cálculos		Iambig
Nefrite		Ananás

Conclusões

O texto de Laet nos traz informações preciosas sobre o Brasil da primeira metade do século XVII e seus habitantes. Procuramos reter aqui, por um lado, o que de mistério, de magia e de mito se revelava nos costumes e nas crenças dos verdadeiros brasileiros; por outro, o que de sabedoria, de ciência e de atual.

Colocamos, muitas vezes, lado a lado, as informações de Laet, do século XVII, com as dos séculos XVIII, XIX e XX e, na maior parte, elas são coincidentes ou se complementam; quase nunca se contradizem. Isso atesta, de certa forma, a sua autenticidade, a veracidade e a importância de suas observações e constatações.

Destacamos o aspecto relativo ao imaginário do selvagem brasileiro, carregado de mitologia e de "religião", no seu sentido etimológico. Além disso, tivemos a intenção de mostrar a perfeita identidade do homem com a natureza e o seu relacionamento com os elementos dos reinos animal e vegetal, na busca da sua sobrevivência.

Referências bibliográficas

- BONTEMPO, M., 1994. *Medicina Natural*. Editora Nova Cultural, São Paulo.
- CHIQUEIRI, A. et al., 1998. Abraham van der Myl et son "De Origine Animalium et Migratione Populorum". *Historia Naturalis*, Seropédica, 1: 255-310, 1 fig.
- CHIQUEIRI, A., 1999. Une interprétation biblique de l'universalité du déluge noétique: l'ancien et le nouveau. Sur la "De diluvii universalitate dissertatio prolusoria" par un auteur anonyme (1667), *Historia Naturalis*, 2: 329-379, 1 fig.
- KÖRBES, V., 1993. *Manual de Plantas Medicináveis*. Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural, Francisco Beltrão, PR.
- LAET, I. de, 1633. *Novus Orbis seu Descriptionis Indiae Occidentalis Libri XVIII. Novis Tabulis Geographicis et variis Animantium, Plantarum Fructuumque Iconibus illustrati*. Elzevirios, Lugduni Batavorum.
- LAET, I. de, 1643. *Notae ad Dissertationem Hugonis Grotii De Origine Gentium Americanarum et Observationes aliquot ad meliorem indaginem difficillimae illius quaestiones*. Apud Ludovicum Elzevirium, Amstelodami.
- LAET, I. de, 1644. *Responsio ad Dissertationem Secundam Hugonis Grotii de Origine Gentium Americanarum cum Indice ad utrumque libellum*. Apud Ludovicum Elzevirium, Amstelodami.
- MORAES, M., 1881. *Phytographia ou Botanica Brasileira applicada à medicina, às artes e à industria seguida de um suplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades*. Livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro.
- Papavero et al. 1999. *Manoel de Moraes: Jesuit, Soldier and Traitor: a Little-Known naturalist from XVII-Century Brazil*. **Contribuições Avulsas sobre a História Natural do Brasil**, Série História da História Natural, 2: 1-6, Seropédica, RJ.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 1. Introdução e Capítulo I: "Notícias das flores mais notáveis e conhecidas q'há no Brasil, com a denominação de outras muitas q'há nos matos, campos e serrados", *Historia Naturalis*, 2: 1-19.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 2. Capítulo II: "Notícias de alguns frutos mais notáveis q' se conhecem no Brasil, com a distinção das suas diferentes denominações", *Historia Naturalis*, 2: 21-54.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 3. Capítulo III: "Notícias de vários aromas, q'se conhecem no Brasil", *Historia Naturalis*, 2: 55-69.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 5. Capítulo VI: "Notícias de varios animaes quadrupedes q'há no Brazil, com a distinção e circunstâncias de cada hum deles, q'se tem conhecido", *Historia Naturalis*, 2: 111-134.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 6. Capítulo VII: "Notícias de varios bichos e insectos q'se conhecem no Brazil, com a distinção e circunstâncias q'se poderão descobrir a este respeito", *Historia Naturalis*, 2: 135-153.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 7. Capítulo VIII: "Notícias das aves, q'se conhecem no Brazil, com a distinção, e circunstâncias de cada húa delas", *Historia Naturalis*, 2: 155-186.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 8. Capítulo IX: "Notícias de varios peixes de mar e de rios, q'se tem conhecido no Brazil com a distinção, e circunstâncias q'se tem de cada hum deles", *Historia Naturalis*, 2: 187-218.

- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 9. Capítulo X: "Notícias de varias plantas, madeiras e páos q' se conhecem no Brazil, com a distinção e circunstâncias q'pertencem a da húa das suas classes", *Historia Naturalis*, 2: 219-260.
- PAPAVERO et al., 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 10. Índice dos nomes de produtos naturais citados no manuscrito e índices dos nomes científicos botânicos e zoológicos citados nas notas, *Historia Naturalis*, 2: 261-283.